

# Paixões

Ricardo Barbosa

Para falarmos das relações que envolvem contatos com o imaterial é necessário que nos situemos de modo que a comunicação e, por conseguinte, o entendimento, possa fluir mais naturalmente.

A mais abrangente relação situada neste contexto é sem dúvida o amor. O amor é um sentimento que necessita que vivenciemos as emoções provocadas por ele para que entendamos seu significado. No entanto, como em toda relação, é necessário que ambas as partes sejam atendidas para que ele se perpetue ou “seja eterno enquanto dure”, caso contrário a possibilidade de continuidade se reduz drasticamente, praticamente se anula.

Quando assim nos referimos estamos tomando como padrão as relações em que as intempéries inerentes a qualquer relacionamento não possuam dimensão suficiente para desequilibrar o convívio de maneira comprometedora. Apontamos para relacionamentos que valham a pena serem mantidos sem que haja outra medida mais importante do que o prazer do convívio que, em certa maneira, se traduz como amor.

As relações entre amantes sofrem baixas inesperadas no decorrer da convivência. Na maioria das vezes tais desagradados são provocados pela imposição e sobreposição da individualidade de um ou de ambos, o que nos faz concluir que para se vivenciar em plenitude o amor é necessário que o relacionamento envolto por ele seja tratado com condução para além da individualidade. A proposição de vivenciar a reciprocidade amorosa cria um novo contexto que passa a ser regido por complexa ordem, cujo direcionamento necessariamente terá que atender a ambos.

A única linguagem capaz de traduzir o amor é a música, afirmam. Se existe esta possibilidade a música é a mais propensa a atendê-la. Tal afirmação encontra base na constatação da nossa incapacidade de traduzirmos em palavras o amor.

Estas duas manifestações (amor e música) possuem muito em comum quando não racionalizamos seus conteúdos. Suas linguagens não encontram no vocabulário humano palavras que contenham semântica apropriada e este pode ser o motivo pelo qual a música possibilita a

tradução do amor: por utilizarem linguagem similar fazem com que o entendimento se dê através de uma escuta que não se utiliza de palavras.

A condição do homem como um ser racional faz com que este busque respostas e entendimento em todo e qualquer fenômeno. Desta capacitação humana, propulsora de avanços, confusões e enganos de todas as ordens, surgem estudos sérios com conteúdos científicos, nobres e apreciáveis sobre o amor e a música. Para a racionalização e entendimento dos fenômenos utilizamos o estudo aprofundado do objeto motivo/causa desse fenômeno; desta maneira surgem ciências direcionadas ao estudo sobre o humano e o estudo teórico musical, por exemplo.

Ao considerarmos o amor na relação entre humanos, percebemos que existem dois pólos que se atraem. Em um primeiro momento as descobertas serão intensas provocando o que adjetivamos como paixão. A paixão faz de nós seres infantis, pois carece de racionalidade. Um dos traços marcantes é a intensa necessidade que sentimos de estarmos junto ao objeto da paixão. Com o passar do tempo aprendemos a lidar melhor com este sentimento, contudo, quando mais jovens, temos a propensão de nos entregar com maior intensidade a qualquer experiência. Esta entrega é verificável nos relacionamentos entre humanos e nos relacionamentos entre humanos e a música. Os caminhos utilizados para o desenvolvimento destas paixões são semelhantes; as descobertas provocam uma intensificação subjetiva que nos impulsiona a estarmos próximos ao que nos desperta prazer e com a qual nos identificamos.

Após esta fase efêmera, passamos a analisar racionalmente nossa condição dentro do relacionamento, o que provoca novas descobertas que nos direcionam para o caminho que melhor nos atenda. O que melhor nos atende é definido por inúmeros fatores que estão alicerçados em questões morais, religiosas, vivenciais e outras. Entretanto, todas são fundamentadas no individual e para que possamos ser atendidos o primeiro passo é deixarmos que a outra parte se conscientize da nossa individualidade, só então direcionamos, ou não, o relacionamento para a efetivação.

Neste sentido podemos considerar a paixão a gênese, ou não, do amor. A paixão é um impulso para o desenvolvimento do amor, sem que seja o único. Reserva-se ao direito do irracional, da irresponsabilidade do sofrimento, do tropeço, da inocência, da infantilidade, da intensidade. A paixão é permissiva com egoísmo, com individualidade. A paixão é humana.

No relacionamento com a música também encontramos um momento de perpetuação ou não. Podemos apontar duas grandes vertentes quando falamos do nosso contato com a música: a

primeira é formada por apreciadores e a segunda por apreciados. Embora possamos direcionar nossa linha de raciocínio para ambas as vertentes, minha reflexão esta focada na relação do homem enquanto musicista. Há quem nunca evolua neste sentido, há quem passe a usufruir superficialmente das possibilidades oferecidas a partir dela. Existe um momento em que temos que decidir quanto ao caminho que iremos trilhar. Estagnar ou aprofundarmo-nos nesta experiência.

Os caminhos que são traçados após os momentos sempre intensos da paixão, passam a se diferenciar entre estas duas manifestações quando nos deparamos com questões individuais. Se por um lado encontramos ouvidos e interlocutores nos relacionamentos humanos, o que faz com que a palavra tome lugar de importância, nossa relação com a música não encontra tal possibilidade.

Ao encontrarmos ouvidos e interlocutores materializamos o amor. Nossas pendências, nossas fraquezas, nossa incapacidade de lidar com os próprios erros nos faz direcioná-los, quase sempre, a outrem, como se aquele fosse culpado de não sabermos lidar com nosso egocentrismo ou por nossas desventuras com o discernimento. Porquanto, todos os “defeitos” que julgamos incompatíveis ao nosso convívio amoroso passam a ser atribuídos ao amor na figura do amado (a).

Se encontramos através desta postura motivos para o distanciamento, baseados principalmente na intolerância e no egocentrismo ou de maior aproximação, baseado na tolerância que por sua vez promove o aprofundamento da experiência, o mesmo ocorre com a música, mas nela não encontramos nenhum subterfúgio onde possamos armazenar nossas pendências.

Evidenciam-se em certas relações humanas traços marcantes de individualismo. Para manter certos relacionamentos indivíduos são capazes de se colocar em plano de superficialidade e/ou desigualdade suportável apenas. Tal procedimento encontra suporte no comprometimento moral, na falta de opção e também nas compensações oferecidas através da conservação da relação. A aceitação desta condição de um lado incentiva o outro e assim perpetua-se a convivência conveniente em substituição ao prazer.

O fato de não termos ouvidos para descarregar nossas limitações no relacionamento com a música nos posiciona em um lugar em que, por vezes, temos capacidade limitada de nos situar. Tal lugar nos “impotencializa”, porquanto procuramos evitar. Para podermos refletir sobre nossa

real posição frente a estas relações temos necessariamente que mudar o foco da análise de âmbito externo para o interno. Desta maneira só identificamos aproximação ou distanciamento quanto colocamos em prática o produto de nossas reflexões e análises e só a partir deste procedimento podemos evoluir.

A supervalorização de certas potencialidades individuais também é encontrada na relação com a música. O “belo” superficial encontra respostas positivas aos olhos e ouvidos dos que não possuem referências. Assim, como em revistas, filmes e afins onde a beleza plástica humana é explorada com anuência de apreciados e apreciadores, a bela sonoridade vocal e o virtuosismo gratuito encontram o mesmo caminho baseado nos mesmos conceitos superficiais.

As maneiras escusas de ascensão profissional humana também são usadas por “musicistas”. O capital, o corporativismo, a troca de favores, inclusive sexual, são alguns dos degraus galgados para o sucesso e coloca todos os que se utilizam destes processos no mesmo patamar. O capital é importante para o desenvolvimento da arte, mas a recíproca não é verdadeira. Sabemos que todas estas situações são aceitáveis pelo ser humano, pois desde que ele passou a viver em sociedade utiliza-se destes recursos para ascensão individual, contudo, o mesmo não acontece com a música. Se, nossas relações sociais, amorosas e profissionais são tratadas com discricção, submissão, falsidade e hipocrisia camuflando nossa realidade frente a elas, a música não aceita tal condição, nos desnuda e nos expõe aos olhos de todos.

A música atende a todos os níveis de intelectualidade, de culturas e de propósitos. Atende a todos os humanos. Os humildes produzem música humilde e os imbecis produzem músicas de igual teor. A música atende a tudo e a todos, mas, como já observado, é necessário que em uma relação ambas as partes sejam atendidas para que a relação se perpetue e nem sempre a música recebe tal tratamento.

Os interpretes e compositores que se aproveitam da música para exhibir seus dotes musicais não encontram nela respostas ou procedimentos que os coloquem no lugar que pretendem ou que imaginam ocupar. O aprofundamento nesta relação faz com que nos destaquemos da maioria das pessoas por que a maioria possui uma relação superficial com a música. Os aplausos são expressões de admiração e de reconhecimento, mas carregam em si muito de inveja, de frustração, de covardia, de hipocrisia. O aplauso faz parte da educação, das circunstâncias emocionais momentâneas, da relação artista e público, de maneira nenhuma é atestado de competência. Neste sentido a música pode perfeitamente não estar atendida e se

distanciará daqueles que se apóiam e/ou comprovam a própria competência em situação semelhante. O estudo aprofundado nos conscientiza da nossa pequenez frente ao universo musical. Só uma relação superficial pode tratar a música em um patamar em que a individualidade se sobrepõe a este imensurável universo. A ignorância, a prepotência, a falta de humildade, entre outros traços individuais, são causadores de tal processo e se somos tolerantes com tais procedimentos, a música não é.

No entanto, é necessário que entendamos que a ignorância na relação com a música não quer dizer falta de cultura, de erudição, de intelectualidade ou de outros conhecimentos. Quando me refiro a ela aponto para o desconhecimento que o indivíduo tem frente a sua própria relação com a música. A música folclórica é de beleza inquestionável. Assim como o folclore a música sertaneja autêntica, o samba autêntico e qualquer outro estilo autêntico encontram na música respostas adequadas. Autenticidade é o primeiro quesito exigido para uma relação saudável e ser autêntico é, em última análise, ser sincero. É necessário que entendamos, no entanto, que a sinceridade pura e simplesmente não faz de nós seres capazes para desenvolver relacionamentos, a sinceridade é um dos quesitos para um relacionamento saudável, mas não o único.

Mesmos os compositores contemporâneos que se dedicam a construir uma música puramente racional não podem negar que a música provoca dinamogênia e este processo não passa pelo intelecto. A racionalidade é um processo da composição que não encontra na maioria dos ouvintes brasileiros a capacidade de entendimento proposta pelo compositor. A música é racional, a escuta não. Ao dedicarmos-nos a uma música puramente racional corremos o sério risco de não encontrarmos, ou restringirmos demasiadamente, a possibilidade de entendimento do público e, por conseguinte, de aproximação dele com esta música. Fazer música racional somente para fugir do anacronismo é uma forma de exibicionismo. Todavia, se a relação compositor/música for sincera, certamente sua obra será música e isto a fará apreciável aos ouvidos que entendem tal linguagem.

Tudo o que estiver a serviço da música encontra nela respostas adequadas, no entanto, o fascismo por estilos e gêneros musicais é outro fator de distanciamento entre humanos e a música. Não gostar de certo estilo ou gênero não os desqualifica, é simplesmente uma opinião pessoal. Não gostar é, por vezes, se sentir superior à singeleza e à simplicidade. Esta pseudo superioridade se recusa a se aprofundar na questão, e por este motivo não entende sua essência.

Estar a serviço da música não quer dizer submissão e sim estar à altura de atendê-la e de desenvolver uma relação saudável, honesta e sincera. Esta tarefa exige dedicação e humildade. Enquanto o humano prezar estes conceitos terá na música fonte de prazer.

O prazer pode estar em beber uma dose de cachaça e também em uma taça de syrah. Pode estar em um passeio pelo campo ou pelo litoral, num prato de arroz e feijão ou em um sofisticado prato francês. Um prazer não anula o outro por mais diferentes que sejam. Um mesmo indivíduo pode encontrar prazer em situações e sabores antagônicos. Prazeres passam pelo crivo das circunstâncias. Não é possível determinar o prazer alheio, mas é possível influenciá-lo e/ou direcioná-lo. Um estilo ou gênero musical não se sobrepõe a outro efetivamente. A música erudita - reconhecida pelos músicos que dela se ocupam como superior - é, sem dúvida, mais elaborada e sofisticada. Sofisticação não é sinônimo de prazer e, por opção e sem influências externas, uma relação só é mantida se for prazerosa.

Para que sintamos prazer é necessário que tenhamos contato com sua fonte. Portanto, não me parece inteligente achar que algo não seja prazeroso se não tivermos contato direto com o que o proporciona. Certos prazeres são inatos, contudo, para que estes mesmos prazeres sofram um processo de elaboração e sofisticação a orientação é necessária.

O estudo adequado em musica nos direciona para o estudo de diversas ciências. Por isso não nos adequamos às rápidas e constantes transformações do mundo moderno sem refletir sobre suas propostas. É necessário que tenhamos consciência do que e a quem estamos atendendo e este procedimento fere frontalmente as atuais propostas sociais que se ocupam de formar indivíduos que se adequem rapidamente às mudanças para atender a um mercado que se propõe a perpetuar a riqueza e a indiferença de um lado e a pobreza e a ignorância do outro, promovendo nível de desigualdade desumano.

Aprofundar na relação com a música é aprofundar-se em si mesmo, é desnudar-se perante os próprios olhos e este sempre será o maior desafio de todo e qualquer humano.

A paixão é o prazer superficial, sem responsabilidade e possui, sem dúvida, inegáveis atrativos, mas ao nos aprofundarmos no estudo de qualquer arte encontramos um universo inesgotável de prazeres.

A paixão é menos exigente que o amor. O amor é um sentimento que necessita que vivenciemos as emoções provocadas por ele para que entendamos seu significado.